



Soldado PM Rogério Florentino da Silva: malabarismos de professor e ator para mostrar que as drogas não são o caminho

# Polícia Militar aposta em prevenção no combate às drogas

**Criado para orientar crianças de 9 a 11 anos (quarta série do ensino fundamental), programa antidrogas da PM orienta cerca de 350 mil alunos**

Desde o início do semestre letivo, as quartas-feiras são esperadas com ansiedade pelos alunos da quarta série do ensino fundamental da Escola Estadual Marechal Deodoro, na região central da capital. E não é por causa da merenda ou da recreação. Os motivos da expectativa são o soldado PM Rogério Florentino da Silva e a aula que ele ministra.

Instrutor do Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência (Proerd), quando ele entra na sala de aula é recebido com festa. A agitação começa. Os pequenos batem os pés e as mãos e soltam o grito de guerra: "Hoje é dia de Proerd".

O programa é desenvolvido há dez anos pela Polícia Militar do Estado de São Paulo para crianças de 9 a 11 anos que estejam cursando a quarta série do ensino fundamental de escolas públicas ou particulares. Discutindo formas de lidar com os conflitos, de levar uma vida com mais qualidade e ainda abordando questões relacionadas à cidadania, o objetivo do projeto é combater a violência e o uso da droga.

Todo o trabalho é desenvolvido em 16 aulas, uma por semana, com base em cartilha distribuída gratuitamente para os estudantes e com linguagem voltada à faixa etária. A 17ª semana é reservada para a solenidade de formatura que conta com a presença de autoridades, pais e alunos.

## Brincadeira séria

Na sala de aula a atenção está voltada para o policial Rogério. Ele fala da lição do dia e começa a responder às perguntas formuladas durante a semana. O aluno é estimulado desde o primeiro dia a fazer quantas perguntas quiser. De lá saem questões de toda ordem. Desde saber a idade do policial, se ele gosta de criança, como é o seu revólver - que nunca é levado à classe,



Maria Luiza: entusiasmo pelos resultados do programa junto aos alunos

até aquelas relacionadas ao propósito do programa. "Os alunos fazem também denúncias de violência, de parentes que vendem ou usam drogas e até de abuso sexual. Percebemos que eles não haviam contado para os pais ou para a professora, mas sentiram-se seguros em nos contar." Cada caso recebe um encaminhamento.

Ele aproveita a curiosidade de uma aluna em saber se ele havia conversado com pessoas drogadas, e usa-a como tema para falar sobre as consequências do uso da droga. A participação da garotada é estimulada. Um acordo prévio garante que para cada resposta errada uma brincadeira será proposta. Quando o aluno acerta quem "paga o mico" - como ficou batizada a brincadeira - é o instrutor. E a criança escolhida: vale cantar e até imitar macaco. É impossível acompanhar a aula sem se divertir. As crianças prestam atenção, perguntam, querem dar opinião. A aula de uma hora parece passar num minuto.

O trabalho em grupo, proposto em seguida, é elogiado pela professora da turma Maria Luiza de Aguiar Oldani. "Essa atividade promove a integração e propicia ao aluno o exercício de apresentar a sua opinião e a de respeitar a opinião do colega", diz. Entusiasta dos resultados, a diretora substituta da escola Cybelle de Almeida Boncristiana também elogia o projeto e afirma que os alunos desenvolvem um senso crítico da realidade e ficam mais atentos. Rosmeiri Olher da Silva, também professora da quarta série, atesta que é sensível a melhora de comportamento

das crianças após o projeto desenvolvido desde 1999 na escola. O apoio dos pais tem sido crescente.

## Um soldado na escola

A diretora credita o sucesso do projeto ao fato de ser ministrado por outro profissional e não por um professor. "Nessa idade, as crianças admiram muito o policial. Com a proximidade e a proposta do Proerd ele se torna um amigo. O policial conhece a droga e sabe reconhecer uma pessoa drogada. Ele traz para a sala de aula a experiência e isso nenhuma teoria pode fazer sozinha."

A psicopedagoga Cláudia Baratella, que participa do comitê de formação dos instrutores do Proerd e é assistente de direção do Colégio Renovação,



Algumas escolas fazem até convite

destaca o aspecto positivo do policial entrar na sala sem a postura de professor. Um programa similar - ela conta - foi instalado no Colégio Renovação, mas os resultados não foram tão satisfatórios quanto os do Proerd. "Os professores muitas vezes encaravam como uma aula a mais. Algumas vezes estavam atrasados com o conteúdo programático e aproveitavam o tempo para repor as matérias. Isso comprometeu os resultados."

Para ela, a proposta do Proerd é democrática porque compromete a polícia, a escola e a família. "O programa procura trabalhar valores como a amizade e a auto-estima. A droga entra como pano de fundo. Observamos que as crianças aprendem a dizer não às drogas sem precisar sair do seu grupo." Isso não significa, contudo, que o projeto seja perfeito, diz a pedagoga. "Duas semanas para preparar um instrutor Proerd é muito pouco." Na impossibilidade de estender a fase preparatória, ela propõe uma alternativa com reciclagens periódicas, discutindo o dia-a-dia dos instrutores na sala de aula.

## Ação participativa

Esta percepção não é isolada. Os 11 instrutores Proerd do 18º Batalhão da Polícia Militar fazem regularmente reuniões para discutir os problemas enfrentados nas salas de aula, conforme explica o subtenente Moisés Manoel. A área a que estes policiais atendem está localizada numa região carente, com bairros como Brasilândia, Jardim Guarani, Jardim Damasceno, onde existem sérios problemas com o tráfico de drogas. "Precisamos conciliar muito bem o trabalho preventivo com o ostensivo, não podemos estimular mais uma situação de tensão." Por isso, para ele, as reuniões são muito importantes.

## Esperança de mudar

É justamente esta realidade de violência que leva um policial a ser um Instrutor Proerd. Para participar do projeto ele tem de ter, no mínimo, dois anos de trabalho nas ruas, o que lhe dá experiência. O soldado Rogério trabalhou dez anos no policiamento ostensivo. Está há três no programa. Casado, pai de dois filhos, conta o que o motivou a ser voluntário nesse programa: "Vi adolescentes definham e presenciei um suicídio de um garoto viciado em crack. Precisamos prevenir para que esses jovens não comecem a usar a droga."



Formatura do Proerd na Escola Tietê Aldo Barancelli, em São Paulo

O soldado PM Antonio Carlos Alves Pereira, também casado, pai de dois filhos ministra o programa na região do Bom Retiro, área próxima à racolândia (local de venda e consumo de crack), e concorda com o colega. "Trabalhei seis anos nas ruas e essa realidade é muito difícil. Bati de frente com traficantes, levá-

vamos o adolescente drogado para a delegacia, mas dali a pouco ele estava novamente na rua." O subtenente Moisés, há 26 anos na Polícia Militar, perde a conta do número de casos de assassinato a que atendeu e de quantos adolescentes viu morrer em troca de tiros com a polícia. "O caminho é a prevenção", enfatiza.

## Ensinar e aprender

Ao mesmo tempo que esses policiais contam a satisfação de poder mostrar aos jovens o que a violência e o uso de drogas podem causar em suas vidas e nas vidas de suas famílias, eles também falam do quanto participar do Proerd os tem ajudado. "O relacionamento com meus filhos mudou muito desde que comecei a dar as aulas", conta o soldado Rogério. Quem concorda é sua esposa, Sueili Carvalho Figueira. "É muito bom ver que ele está mais próximo das crianças. Foi uma mudança muito grande." Para o soldado PM Antonio Carlos, participar do projeto ajudou-o a melhorar o relacionamento com seus pais. "Agora me preocupo em dar mais atenção à minha família, em saber dos problemas de todos."

## Mais que um instrutor

Além de ministrar o curso, organizar e participar da cerimônia de formatura, esses instrutores fazem mais por essas crianças. Tomam iniciativas que não estão previstas no programa, porém de comum acordo com pais e

direção da escola, se transformam em momentos de confraternização.

No ano passado, o soldado Rogério foi atrás de parceiros e conseguiu levar, de graça, as crianças para um passeio no Playcenter e no Sesc Itaquera. Eles também comem a merenda escolar junto com os alunos, acompanham as brincadeiras na hora do intervalo, vistoriam banheiros para ver se está tudo bem.

No segundo semestre de 2001, o sub-tenente Moisés organizou na Escola Estadual Angelina Madureira, no bairro do Limão, campeonatos de tênis de mesa e de futebol de salão masculino e feminino, envolvendo todas as quatro séries do ensino fundamental. Eram aproximadamente 850 alunos. Além disso, organizou a campanha do material reciclado. Os alunos trouxeram latas, jornais e revistas. Com o dinheiro arrecadado foi possível comprar as medalhas para a festa de premiação, com direito a sessão de vídeo e pipoca. Dois bolos enormes coroaram a festa.

JOICE HENRIQUE  
DA AGÊNCIA IMPRENSA OFICIAL

## Proerd atendeu a 1,2 milhão de crianças em SP

O Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência (Proerd) da Polícia Militar do Estado de São Paulo é desenvolvido pela Diretoria de Assuntos Municipais e Comunitários (Damco) e pela Divisão de Apoio a Programas Educacionais (Dape). É baseado no modelo Drug Abuse Resistance Education (Dare), criado em 1983, em Los Angeles, Estados Unidos, pelo distrito escolar daquela cidade, em parceria com o Departamento de Polícia. É aplicado em mais de 40 países, integrando escola, pais e polícia na prevenção do uso de drogas. Estima-se que 35 milhões de crianças por ano, em todo o mundo, são formadas pelos policiais Proerd.

No Estado de São Paulo, entre 1999 e 2002, cerca de 1,2 milhão de crianças receberam as instruções do programa. Somente em 2002 foram mais de 375 mil alunos. Segundo a coronel PM Laudinéa Pessan de Oliveira, diretora da Damco e coorde-



Laudinéa: "Escolas nos procuram"

nadora estadual do Proerd, quanto mais tardio for o primeiro contato com as drogas, menores serão os riscos de o jovem tornar-se usuário. "Hoje, muitas vezes, esse

primeiro contato tem ocorrido aos 12 anos, idade imediatamente posterior à aplicação do programa."

Atualmente são quase 1.500 policiais militares Proerd presentes em todos os Estados brasileiros, sendo cerca de mil em São Paulo. O trabalho é voluntário. Os candidatos participam do Curso de Formação de Instrutores, que os habilita a desenvolver o programa para as quartas séries do ensino fundamental, não os capacitando, porém, a ensinar outros policiais. Para isso, deverá frequentar o Curso de Formação de Mentores. A multiplicação desses instrutores dá-se por meio de quatro centros de treinamento existentes nas polícias militares de São Paulo, Santa Catarina, Rio de Janeiro e Distrito Federal.

Para dar suporte pedagógico ao projeto foi formado um conselho científico composto de profissionais civis e militares. São psicólogos, psiquiatras, pedagogos, farmacêuticos,

especialistas em drogas que acompanham o programa. Todos voluntários. Eles atuam tanto no curso preparatório de mentores quanto na avaliação do programa e da cartilha. Segundo explicou a coronel Laudinéa Pessan o programa apresentou um expressivo crescimento a partir de 1997. "Nós não oferecemos mais o programa, estamos atendendo às escolas que nos procuram. E a demanda tem sido crescente."

Neste mês, a presidente do Fundo Social de Solidariedade, Maria Lúcia Alckmin, por meio da Imprensa Oficial do Estado, doou 200 mil cartilhas ao programa que, segundo a coronel serão suficientes para atender à demanda do primeiro semestre.

## SERVIÇO

Para solicitar a aplicação do programa, procurar o Batalhão da Polícia Militar de seu bairro ou a Diretoria de Assuntos Municipais e Comunitários - Damco, pelos telefones (11) 3327-7755 / 3327-7756.

## Entidades que oferecem ajuda aos dependentes

Grupo Interdisciplinar de Estudos de Álcool e Drogas do Departamento e Instituto de Psiquiatria do Hospital das Clínicas - Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo - Grea  
Telefone (11) 3081-8060  
Rua Dr. Ovidio Pires de Campos, s/nº, Jardim Paulista, São Paulo/SP (prédio da Psiquiatria do Hospital das Clínicas)  
www.usp.br/fm/grea  
Unidade de Pesquisa em Álcool e Drogas (Uniad).  
Escola Paulista de Medicina - Unifesp  
Telefone (11) 5575-1708 / 5576-4341  
Rua Botucatu, 394, Vila Mariana, São Paulo/SP  
www.uniad.org.br

Narcóticos Anônimos - NA  
Telefone (11) 5594-5657  
www.na.org.br

Grupos Familiares Nar-Anon do Brasil  
Telefone (11) 227-8993 / 3311-7226  
www.naranon.org.br

Alcoólicos Anônimos - AA  
Telefone (11) 229-3611  
www.aa.org.br

Grupos Familiares - Alanon  
Telefone (11) 228-7425